

NARRATIVAS: UMA CONVERSA COM BELL HOOKS

NARRATIVES: A CONVERSATION WITH BELL HOOKS

Rayane Otilia Zuba de Oliveira¹
Rafael Baioni do Nascimento²
Mônica Maria Teixeira Amorim³

Resumo: Este artigo discute o feminismo negro e as narrativas como formas de produção de ciência e de novas referências acadêmicas construídas por mulheres negras, enfatizando sua importância para dar voz a essas mulheres, tendo como principal referência a autora e ativista estadunidense bell hooks (1952-2021), a partir de seus livros traduzidos e publicados no Brasil. Além disso, embora o estudo evidencie a dificuldade de reconhecimento de mulheres negras nos currículos educacionais, o acesso às suas narrativas de vivências e experiências permite a construção do pensamento crítico e a promoção de uma educação antirracista, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para o fortalecimento da diversidade no meio acadêmico.

Palavras-chave: Narrativas; bell hooks; Mulheres Negras; Feminismo Negro.

Abstract: This article discusses black feminism and narratives as forms of scientific production and new academic references constructed by black women, emphasizing their importance in giving voice to these women, with the main reference being the American author and activist bell hooks (1952-2021), based on her books translated and published in Brazil. Furthermore, although the study highlights the difficulty of recognizing black women in educational curricula, access to their narratives of experiences allows for the construction of critical thinking and the promotion of anti-racist education, contributing to the deconstruction of stereotypes and the strengthening of diversity in academia.

Keywords: Narratives; bell hooks; Black Women; Black Feminism.

INTRODUÇÃO

Por mais que a narrativa esteja começando a ganhar espaço em algumas pesquisas científicas, ela ainda é pouco valorizada no meio

¹ Mestrado em Educação pela Unimontes. Contato: rayanezuba90@gmail.com

² Doutorado em Psicologia Escolar pela USP. Docente da Unimontes. Contato: baioni.rafael@gmail.com

³ Doutorado em Educação pela UFMG. Docente da Unimontes. Contato: monica.amorim@unimontes.br

acadêmico brasileiro. Entretanto, essa realidade começa a mudar quando passamos a reconhecer sua relevância e a perceber que ela tem oferecido contribuições significativas aos trabalhos de ciências sociais e humanas, especialmente naqueles que incorporam as vivências de quem escreve. Ao fazer isso, a narrativa colabora com pesquisadores que buscam aprofundar-se em um tema de interesse, permitindo-lhes compreender melhor o objeto estudado e até mesmo enxergar-se nessas escritas.

Usamos nesse artigo o conceito defendido por Baioni (2021, p. 22), afirmando que,

A narrativa traz consigo todo um contexto vivido ou “ouvido dizer” de quem o viveu. A informação explica demais, quer ser transparente. A narrativa não, evita explicações, dá um exemplo, com múltiplas interpretações possíveis. A informação só tem valor enquanto é nova; a narrativa, por outro lado, preserva seu poder por muito tempo.

Para, além disso, encontramos nas narrativas ensinamentos e histórias que só podem ser plenamente compreendidos quando contados por quem os viveu. Dessa maneira, muitos leitores se identificam com essas produções, principalmente quando envolvem a população negra e educadores interessados em compreender mais sobre a sociedade atual. Quando adentramos na academia, as disciplinas disponibilizadas são majoritariamente brancas, utilizando metodologias padrões de pesquisas que seguem regras e normas de um sistema preestabelecido e, quase sempre, sem a voz de quem o faz. Ainda há uma resistência maior na academia, uma vez que o nosso conhecimento e de nossos antepassados, feito através da narrativa, ainda não é reconhecido definitivamente como uma forma de intelectualidade (Baioni, 2021, p. 17). Entretanto, é por meio de uma das maiores intelectuais do século XX que a narrativa ganha destaque.

Gloria Jean Watkins, nome de batismo de **bell hooks**⁴, foi uma importante escritora, professora, pensadora feminista e ativista antirracista estadunidense. Nascida em 1952, era filha de um zelador e de uma dona de casa, tendo crescido em meio à segregação racial que dominava o sul dos

⁴ O pseudônimo “bell hooks” é escrito e citado neste trabalho em letras minúsculas, por decisão da própria autora. Sua explicação por optar por essa grafia era: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu” (Miranda, 2020).

Estados Unidos durante a década de 1960. Adotou o pseudônimo de bell hooks em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, que, nas palavras de Amaral (2023, p. 48), era “uma mulher afro-indígena, conhecida pela coragem em dizer a verdade, pela fala inflamada”.



Figura 1: bell hooks (2009). Fonte: Wikimedia Commons (2009).

bell hooks formou-se em Língua Inglesa pela Universidade de Stanford, na Califórnia, no ano de 1973. Em 1976 concluiu seu mestrado, também em Língua Inglesa, pela Universidade de Wisconsin-Madison e, em 1983, seu doutorado em Literatura pela Universidade da Califórnia (Almeida, 2021). Por um longo período, foi professora em diversas instituições, como a Universidade da Califórnia, Oberlin College, Yale, entre muitas outras. Durante sua carreira, escreveu mais de 30 livros, publicados em 15 idiomas diferentes ao redor do mundo.

Sem sombra de dúvida, bell hooks é uma das mais importantes intelectuais da atualidade. Desde a década de 1980 até os dias atuais, ela já publicou mais de 30 livros em que, por meio de uma linguagem acessível, expressa um pensamento complexo, avesso às formulações simplistas. Uma produção em que denuncia, sem subterfúgios, as atávicas conexões entre imperialismo econômico, supremacia branca e patriarcado. Suas obras são referências para adensarmos nossa compreensão de como as dinâmicas de raça, classe e gênero se exprimem nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas (Almeida, 2021, p. 21).

Além de uma vasta obra voltada para temas como educação, racismo e feminismo negro, hooks também foi autora de alguns títulos de literatura infantil, como *Meu Crespo é de Rainha* (2018) e *A pele que eu tenho* (2022).

Ela faleceu em 15 de dezembro de 2021, aos 69 anos, em seu estado natal, Kentucky, em decorrência de uma insuficiência renal. Sua obra permanece imortal, com inúmeros títulos publicados por diversas editoras aqui no Brasil, como mostra o quadro abaixo.

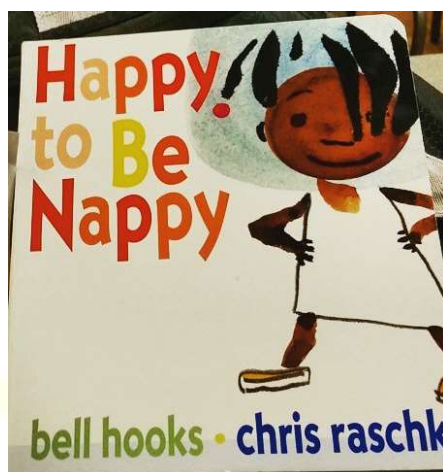


Figura 2: Capa do livro “Happy to be Nappy” (Meu Crespo é de Rainha). Fonte: Flickr (2015).

Quadro 1 – Livros de bell hooks publicados no Brasil

Obra	Editora	Ano
A Vontade de Mudar: Homens, Masculinidade e Amor	Elefante	2025
Comunhão: A Busca das Mulheres pelo Amor	Elefante	2024
Salvação: Pessoas Negras e o Amor	Elefante	2024
Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas	Elefante	2021
Cinema Vivido: Raça, Classe e Sexo nas Telas	Elefante	2023
Cultura Fora da Lei: Representações de Resistência	Elefante	2023
Pertencimento: Uma Cultura do Lugar	Elefante	2022
Escrever Além da Raça: Teoria e Prática	Elefante	2022
A Gente é da Hora: Homens Negros e Masculinidade	Elefante	2022
Ensinando Comunidade: Uma Pedagogia da Esperança	Elefante	2021
Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria e Prática	Elefante	2020
Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais	Elefante	2019
Erguer a Voz: Pensar como Feminista, Pensar como Negra	Elefante	2019
Olhares Negros: Raça e Representação	Elefante	2019
O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras	Rosa dos Tempos	2018
Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade	WMF Martins Fontes	2017
Irmãs do Inham: Mulheres Negras e Autorrecuperação	WMF Martins	2023

	Fontes	
Teoria Feminista: da Margem ao Centro	Perspectiva	2019
E Eu Não Sou Uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo	Rosa dos Tempos	2019
Funk sem Cortes: Um Diálogo Contemplativo (com Stuart Hall)	WMF Martins Fontes	2024
Partindo o Pão: Vida Intelectual Negra Insurgente (com Cornel West)	WMF Martins Fontes	2017
Meu Crespo é de Rainha	Boitatá	2018
Ranheta Ruge Rosna	Boitatá	2023
Minha Dança Tem História	Boitatá	2019
A Pele que Eu Tenho	Boitatá	2022

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2025⁵.

Um de seus debates que mais reflete sua narrativa enquanto mulher negra é sobre o feminismo – para ela, “é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2018, p. 21). Em suas obras, hooks ressalta a importância de ter lido narrativas de mulheres negras e como isso contribui para que outras mulheres desenvolvam um pensamento crítico. “O poder, a identidade, a subjetividade radical não podem ser alcançados no isolamento. Mulheres negras precisam estudar as obras críticas e autobiográficas daquelas mulheres que desenvolveram seu potencial e escolheram ser sujeitas radicais” (hooks, 2019a, p. 119).

Ademais, ela enfatiza a relevância de que estudantes negras tenham conhecimento sobre narrativas de outras mulheres para, assim, compreenderem seus erros e acertos, o que as ajuda no processo de se tornarem pensadoras críticas. Isso se mostra especialmente importante porque, geralmente, elas entendem e acessam o mundo apenas por meio de referências coloniais escritas por homens brancos e heterossexuais, cujas produções refletem perspectivas únicas e buscam preservar seus privilégios.

Mulheres negras (especialmente estudantes) que estão em busca de respostas sobre a formação social da identidade querem saber como as mulheres negras radicais pensam, mas também querem saber sobre as nossas formas de ser. Compartilhar de boa vontade sua experiência pessoal com alguém garante que uma pessoa não seja

⁵ Para a elaboração do quadro, foram realizadas buscas de títulos da autora publicados no Brasil nos catálogos digitais dos sites *Amazon* e *Google Books*, além de consultas nos sites das editoras informadas (*Elefante*, *WMF Martins Fontes*, *Boitatá*, entre outras).

transformada num ícone santificado. Quando mulheres negras aprendem sobre a minha vida, também aprendem sobre os erros que cometi, as contradições. Passam a saber das minhas limitações e das minhas forças. Elas não podem me desumanizar me alçando a um pedestal. Ao compartilhar as contradições em nossas vidas, ajudamos umas às outras a aprender como lidar com as contradições como parte do processo de se tornar uma pensadora crítica, uma sujeita radical (hooks, 2019a, p. 119-120).

A narrativa nas academias brasileiras ainda não ocupa seu lugar cativo, sendo muitas vezes considerada uma literatura marginalizada. Da mesma forma, bell nos conta em seus escritos que, apesar dessa desvalorização, havia certo prestígio na literatura afro-estadunidense, funcionando como uma forma de luta para que mulheres se tornassem sujeitas pensantes.

Embora autobiografias ou qualquer tipo de narrativa confessional sejam frequentemente desvalorizadas pelas faculdades de letras, esse gênero sempre teve um lugar privilegiado na história da literatura afro-estadunidense. Como literatura de resistência, narrativas confessionais de pessoas negras são didáticas. Mais do que qualquer outro gênero textual, a produção de narrativas confessionais honestas pelas mulheres negras que estão lutando por sua autorrealização e para se tornar sujeitas radicais são necessárias como guias, textos que reforçam o companheirismo entre nós (hooks, 2019a, p. 124).

Ler narrativas daqueles que se parecem conosco fortalece movimentos e comunidades, permitindo que os leitores se reconheçam nesses relatos. Conhecer histórias que posteriormente podem ajudar outras pessoas por meio de experiências e vivências tem se mostrado fundamental na luta contra as desigualdades raciais, étnicas e de gênero.

UMA ESCRITA DE NÓS NAS UNIVERSIDADES (OU FORA DELAS)

Mais do que importante para estudantes e pesquisadoras negras, a narrativa é essencial para desmistificar informações falsas e generalizadas de uma história mal contada. O conhecimento sobre a população africana e afro-brasileira foi produzido por autores brancos, que falavam por nós. O verdadeiro conhecimento desenvolvido pela população negra, que inclui não apenas homens negros, mas também mulheres negras e suas gerações, foi distorcido em relação à história da escravidão, das colonizações e à vida dessas pessoas

posteriormente, sendo repassado como bem entenderam. Em seu livro *E eu não sou uma mulher?* (2019b), bell hooks aborda diversos exemplos disseminados sobre mulheres negras para entreter a população branca.

Jornalistas brancos diariamente ridicularizavam os esforços de pessoas negras para melhorarem sua imagem em revistas e jornais de destaque. Eles tinham prazer em entreter leitores brancos com estereótipos negativos de pessoas negras. Rayford Logan avalia até que ponto os principais jornais e revistas deliberadamente imortalizaram mitos negativos e estereótipos de pessoas negras em seu estudo sobre o período de 1877 a 1918, *The Betrayal of the Negro* [A traição do negro]. Logan reconhece que os brancos se juntaram em um esforço para disseminar o mito de que todas as mulheres negras eram sexualmente desinibidas e imorais (hooks, 2019b, p. 88).

Esses mitos não estavam presentes apenas em jornais e contos. Acadêmicos e pensadores brancos também levaram esses conhecimentos para as academias, consolidando um movimento forte de história única das mulheres negras que persiste até hoje. hooks narra sua experiência a partir do contexto norte-americano, com o qual podemos traçar alguns paralelos em relação ao machismo e ao racismo no Brasil. Um exemplo disso é quando esses autores brancos decidem distorcer as realidades das mulheres negras:

A falta de vontade de acadêmicos contemporâneos de aceitarem a equidade social entre os sexos como um passo positivo em qualquer esfera levou à elaboração da teoria de que existia uma matriarca negra dentro da estrutura da família negra. Cientistas sociais homens formularam teorias sobre o poder matriarcal das mulheres negras, a fim de oferecerem uma explicação fora do comum para o papel independente e decisivo das mulheres negras dentro da estrutura da família negra. Como seus ancestrais proprietários de escravizados, acadêmicos racistas agiram como se, ao cumprirem seu papel de mãe e provedora financeira, mulheres negras estivessem realizando uma ação peculiar que precisasse de uma nova definição, mesmo não sendo incomum para várias mulheres brancas pobres e viúvas desempenhar essa jornada dupla. Ainda assim, rotularam as mulheres negras de matriarcas – um título que, de jeito nenhum, descrevia com precisão o status social das mulheres estadunidenses. Jamais existiu matriarcado nos Estados Unidos (hooks, 2019b, p. 109-110).

Quando, na verdade, isso não existiu “dentro da sociedade matriarcal, a mulher era quase sempre economicamente segura. A situação econômica das mulheres negras nos Estados Unidos jamais foi segura” (hooks, 2019b, p. 111). Ou seja, contar apenas o que lhes convém para se passarem como justos e

romantizar as dificuldades de uma classe são ações que a branquitude tende a perpetuar para se colocar no papel de salvadora. hooks nos mostra que acreditar nessas invenções criadas pelos brancos reforça estereótipos criados para as mulheres negras, levando-as a pensar que são independentes e privilegiadas, mesmo não sendo essa a realidade.

Certamente era mais positivo do que mamãe, vaca ou vagabunda. Se fôssemos matriarcas, sentimentos de honra e orgulho seriam a ordem, no entanto, como o status social das mulheres negras nos Estados Unidos está longe de ser matriarcal, a motivação de pessoas brancas e negras que persistem em rotular mulheres negras de matriarcas deve ser questionada. Assim como os brancos usaram, como meio de desvalorizar a mulheridade negra, o mito de que todas as mulheres negras eram sexualmente desinibidas, eles usaram o mito do matriarcado para imprimir na consciência de todos os estadunidenses a ideia de que as mulheres negras eram masculinizadas, castradoras e ameaçadoras (hooks, 2019b, p. 121).

Esse é apenas um dos exemplos que a autora aborda sobre como a mulher negra sempre foi ignorada e justificada pelos brancos conforme seus interesses, enquanto escondem da população a realidade que existe por trás das desigualdades criadas por eles mesmos. Além de negarem a história da população negra, fazem com que ela seja reescrita e contada de forma distorcida para os próprios negros, que passam a acreditar nessas versões, a sentir vergonha de si mesmos e, muitas vezes, a apoiar movimentos políticos contrários aos seus próprios interesses.



Figura 3: bell hooks em palestra (2014). Fonte: Wikimedia Commons (2014).

Em seu livro *Ensinando a transgredir* (2013), bell narra sua revolta ao descobrir a ausência de referências de mulheres negras no currículo de suas universidades.

Dada essa realidade da minha experiência, quando estudei numa universidade predominantemente branca, fiquei chocada ao ler trabalhos acadêmicos de várias disciplinas (como a sociologia e a psicologia) sobre a vida dos negros, escritos desde um ponto de vista crítico que partia do princípio de que nenhuma distinção de gênero caracterizava as relações sociais entre os negros. Engajando-me no nascente movimento feminista quando era estudante de graduação, fiz os cursos de Estudos da Mulher assim que passaram a ser oferecidos. Mas também aí fui surpreendida pela tremenda ignorância sobre a experiência negra. Perturbei-me pelo fato de as professoras e alunas brancas ignorarem as diferenças de gênero na vida dos negros – de falarem sobre a condição e a experiência das “mulheres” quando estavam se referindo somente às mulheres brancas (hooks, 2013, p. 162).

Portanto, o racismo na academia foi tão presente que as experiências de mulheres negras foram invisibilizadas e, quando existiam, não chegavam a ser levadas em consideração, já que os debates feministas não abarcavam as individualidades dessas outras realidades.

A falta de informação sobre as realidades e histórias, que são mascaradas e contadas de maneira alterada, acarreta a criação e o reforço de estereótipos por parte daqueles que detêm o comando sobre o conhecimento científico. Assim, em vez de promover a ciência e a diversidade, acabam disseminando informações equivocadas. Não só nas academias, mas também nas escolas. A autora narra como aprendeu a história de seu país, algo que não difere em nada da forma como aprendemos nas escolas brasileiras.

Nenhum livro de história usado em escolas públicas nos informou sobre o imperialismo racial. Em vez disso, deram-nos uma noção romântica do “novo mundo”, do “sonho americano”, dos Estados Unidos como um grande caldeirão de raças em que todas se juntam criando uma. Ensinaram-nos que Colombo *descobriu* a América; que “índios” eram “escalpeladores”, assassinos de mulheres e crianças inocentes; que pessoas negras eram escravizadas devido à maldição bíblica de Cam, segundo a qual Deus, “ele mesmo”, decretou que elas seriam lenhadoras, lavradoras e responsáveis por carregar a água. Ninguém falava sobre a África como o berço da civilização, sobre as pessoas africanas e as asiáticas que vieram para a América antes de Colombo. Ninguém mencionou os assassinatos em massa de nativos americanos como genocídio ou os estupros de mulheres nativas americanas ou africanas como terrorismo. Ninguém discutia

escravidão como o alicerce para o crescimento do capitalismo (hooks, 2019b, p. 174).

Desse modo, mulheres negras passaram a escrever sobre suas vivências para que pudessem falar sobre sua história de maneira verdadeira. Porém, isso não garantiu que fossem incluídas nos currículos educacionais. Muitas autoras negras, mesmo quando têm a oportunidade de escrever e lançar seus livros, não são lidas e enfrentam diversos obstáculos para serem reconhecidas. Quando conquistam algum prestígio nas mídias e passam a ser reconhecidas, ainda precisam lutar para serem respeitadas como intelectuais e para garantir espaço nos currículos escolares em uma sociedade marcada por racismo em todas as suas esferas. Um currículo majoritariamente branco ainda é a realidade em nossa educação brasileira.

bell hooks cita alguns motivos para isso, e entre eles,

Outro fator que restringe a participação das mulheres negras na produção acadêmica feminista era e ainda é a falta de recompensas institucionais. Enquanto muitas acadêmicas brancas ativas no movimento feminista passaram a fazer parte de uma rede de pessoas que trocam recursos, publicações, empregos, etc., as negras em geral estão fora dessa roda. É esse, em especial, o caso das negras cuja produção acadêmica feminista não é bem recebida (hooks, 2013, p. 168).

Atualmente, os currículos universitários e, de modo geral, os da área da educação, ainda são minoria ao levar essas referências de mulheres e suas narrativas, por mais que esse material agora exista e colabore para estudos sociais. Contudo, esse tema tem ganhado visibilidade em palestras, minicursos e em aulas de professores que consideram essas narrativas como um conhecimento importante para a formação.

bell hooks considera que esses trabalhos tendem a nos informar sobre experiências negras e feministas distintas das produções tradicionais que sempre nos foram apresentadas. “Os trabalhos delas – e de muitas outras historiadoras negras – expandiram e continuaram expandindo nossa compreensão de como a experiência negra é diferente para os sexos feminino e masculino, embora não insistam abertamente numa relação com o pensamento feminista” (hooks, 2013, p. 170).

Em um artigo produzido por Gomes e Jesus (2013), os autores apresentam resultados de uma pesquisa realizada em escolas públicas e municipais do Brasil em relação a práticas pedagógicas de trabalho em consonância com a Lei 10.639/2003⁶, dez anos após a promulgação da referida lei.

Nas várias escolas visitadas existem projetos significativos que estão sendo desenvolvidos por coletivos de profissionais e, ao mesmo tempo, em uma mesma escola, há docentes que desconhecem esse processo histórico, não conhecem a Lei 10.639/2003 e suas *Diretrizes*, ou mantêm um conhecimento superficial delas, inclusive de resistência, entendendo-as como imposição do Estado ou “lei dos negros” (Gomes e Jesus, 2013, p. 30).

Sendo assim, percebemos a importância não apenas de termos registros escritos das experiências de mulheres negras, mas também de reconhecermos que ainda é uma luta garantir que sejamos inseridas e consideradas como parte da ciência nos currículos universitários.

O retrocesso antifeminista que atualmente afeta a cultura como um todo mina o apoio à produção acadêmica feminista. Visto que a produção feminista por parte de acadêmicas negras sempre foi marginalizada na academia, marginalizada tanto em relação à hegemonia acadêmica existente quanto à corrente principal do feminismo, aquelas entre nós que creem que esse trabalho é crucial para qualquer discussão imparcial da experiência negra têm de intensificar seu esforço de educação em prol da consciência crítica (hooks, 2013, p. 172).

A narrativa nesses estudos é mais uma forma de garantir que tenhamos acesso a estudos sobre mulheres negras que compartilham suas histórias, lutas, conhecimentos, dificuldades, tradições e conquistas, contribuindo com a ciência e a compreensão de um mundo mais plural.

A NARRATIVA COMO REPRESENTAÇÃO POSITIVA DE NÓS

Chamamos de narrativa esse movimento de recontar a nossa história. Por outro lado, também podemos entender como uma *contranarrativa* que

⁶ A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 institui a obrigatoriedade da inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, como também da história da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional (Brasil, 2003).

difere da narrativa colonial que foi construída durante séculos. Cida Bento reflete em seu livro *O Pacto da Branquitude* (2023, p. 31),

Movimentos sociais como o de mulheres negras, quilombolas e indígenas desestabilizam as relações de colonialidade, construindo **contranarrativas** que trazem novas perspectivas e paradigmas, e, além da denúncia, procuram protagonizar ação política contra a expropriação de riquezas e a brutalidade que sustentam a sociedade e o regime político no qual vivemos (grifo nosso).

Quando tudo o que vemos, lemos e ouvimos sobre nós são apenas representações negativas, presentes nas histórias, nos jornais e em outras produções da branquitude, que escrevem as histórias conforme seus interesses para manter seu poder sobre os demais, o resultado é a manutenção diária de pessoas racistas e pessoas negras com um auto-ódio por serem quem são. Quando, desde crianças, piadas sobre suas características e a história da escravidão são as únicas referências, cria-se uma barreira que dificulta a valorização da cultura afro-brasileira. hooks ressalta que

Ninguém fala sobre o assunto “pessoas negras e amor” sem abordar questões de baixa autoestima e auto-ódio. Já é de conhecimento geral que o trauma causado pela supremacia branca e pelo ataque racista contínuo deixa feridas psíquicas profundas. Não importa se a questão é um doloroso sistema de castas na vida negra ou ações violentas usadas pelos brancos contra os negros (depreciação da fala, agressão física ou representação desumanizadora), todos os dias todas as pessoas negras encontram (como todo mundo) alguma expressão de ódio contra a negritude, reconheçamos ou não (hooks, 2024, p. 76).

Faz parte do processo de colonização colocar a branquitude como um patamar de sucesso a ser atingido. Pessoas negras passaram por esse processo e podem vir a reproduzir um auto-ódio de si mesmo e de seus pares, uma vez que entendem que na sociedade o “modelo” a ser seguido é branco e europeu. bell hooks nos explica que “não podemos nos dar valor do jeito certo sem antes quebrar as paredes de autonegação que ocultam a profundidade do auto-ódio dos negros, a angústia interior, a dor sem reconciliação” (2019a, p. 60).

Portanto, as pessoas negras não são imunes a um auto-ódio a si ou a outras pessoas negras, mas ainda sim, não possuem o poder para sustentar o racismo institucional, pois “[...] para haver racismo deve haver relação de poder, e a população negra não está no poder” (Ribeiro, 2018, p. 43). Sendo assim, nem todas as pessoas negras que possuem vivências raciais têm letramento racial para deixar de reproduzir o racismo e suas estruturas.

Desse modo, a narrativa surge como uma das opções para formar não somente estudantes críticos, mas também professores que podem transformar essa realidade com estudos produzidos pela própria comunidade negra, valorizando sua cultura. Mostrar a verdade à população é uma maneira de educar para uma sociedade antirracista, já que, por muito tempo, o objetivo dos que tinham o poder era de embranquecer a população e manter seus privilégios. Fazer com que os negros se odiassem fazia parte desse plano.

Como estratégia de colonização, estimular os negros escravizados a abraçar e defender a estética da supremacia branca foi um golpe de mestre. Ensinar os negros a odiar a pele escura foi uma forma de garantir que, com ou sem a presença dos opressores brancos, os valores da supremacia branca ainda dominassem. Líderes negros patriarcais proeminentes que resistiram ao racismo em todas as outras frentes demonstraram preferência por mulheres de pele clara. Devido a suas ações, tornaram aceitável o sistema de castas de cor. Desde a escravidão até os dias atuais, crianças de pele mais escura em famílias negras correm o risco de não ser tão valorizadas quanto as mais claras (hooks, 2024, p. 78-79).

Portanto, para nos formarmos pensadores críticos, faz-se necessário buscar outras fontes de conhecimento, como as narrativas das pessoas que podem nos informar com suas realidades. Quando autoras negras utilizam a narrativa como uma das maneiras de nos contar e ver a história como ela realmente é, elas estão fazendo revolução em uma sociedade racista e desigual.

Vivemos numa sociedade em que diariamente nos confrontamos com imagens negativas da negritude. É preciso coragem e vigilância para criar um contexto em que o amor-próprio possa emergir. No momento em que reconheci em uma coletânea dos meus ensaios, *Olhares negros: raça e representação*, que pessoas negras estavam perdendo terreno coletivamente quando se tratava da prática do amor-próprio, defendi que renovássemos a luta antirracista de maneira que pudéssemos amar a negritude. No ensaio intitulado *Amar a negritude como resistência política*, chamei a atenção para a realidade de que, para acabar com a supremacia branca, devemos

criar condições não apenas para negros e negras amarem a negritude, mas também para todos os demais amarem a negritude. Todas as pessoas negras que amam a negritude reconhecem que não é suficiente sermos descolonizados: as pessoas que não são negras com quem trabalhamos, que ensinam nossos filhos, precisam de uma conscientização que lhes permita ver a negritude de maneira diferente (hooks, 2024, p. 84-85).

Aprender a selecionar referências que nos mostram a história por olhares negros e em forma de narrativa pode ser uma estratégia para que a educação seja voltada à liberdade e à diversidade. Isso inclui não apenas imagens representativas na literatura infantil, não apenas personagens negros em livros de romance, não apenas a história presente nos livros teóricos, mas também a narrativa do feminismo negro, que é para todos e busca uma educação antirracista, pautada na igualdade e na valorização de diferentes saberes.

Ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para ensinar a todo mundo sobre feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permanecesse como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que aprendem é negativa. Ensinar pensamento e teoria feminista para todo mundo significa que precisamos alcançar além da palavra acadêmica e até mesmo da palavra escrita (hooks, 2018, p. 49).

Sendo assim, compreendemos que devemos valorizar nossas produções, autoras, culturas e histórias, a fim de não nos deixarmos alienar com tantas mentiras criadas para justificar o racismo e as desigualdades, para ignorá-las ou para afirmar que não existem. Esses preconceitos fazem parte da construção deste país, mas podem ser desconstruídos por meio da educação, e a narrativa tem se mostrado um caminho eficaz nessa luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa, como foi visto aqui, aliada ao movimento feminista negro, se torna uma ação poderosa de disseminação de conhecimentos sobre a realidade das mulheres negras, não só do Brasil, mas de todo o mundo.

Conhecer, discutir, pesquisar essas vivências e construir um pensamento crítico se faz fundamental para que, juntos, possamos realizar

mudanças no sistema educacional e nas estruturas existentes, criando novas estratégias de ensino que rompam barreiras e produzam uma educação antirracista em todos os níveis de aprendizagem. Compreender os escritos de hooks é muito mais do que aprender sobre narrativas, é também quebrar as correntes do pensamento colonizado e construir um conhecimento baseado em outras vozes e experiências de vida que, mulheres como ela, têm muito a nos ensinar.

Repensar os currículos nas instituições de ensino incluindo obras de autores diversos, se faz necessário para a compreensão social de mundo, havendo assim, uma visão mais ampla das experiências e compreendendo como o racismo conversa em uma interseccionalidade com as mulheres negras que estão nas margens. Essa é uma luta constante, em busca de um mundo que respeita as diferenças, suas histórias e culturas e que dê condições para a equidade, e desse modo, construir uma sociedade mais justa.

Fonte das imagens

1. Figura 1 - bell hooks (2009): CMONGIRL. *Bellhooks* [fotografia]. Wikimedia Commons, 1 nov. 2009. Licença: domínio público. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bellhooks.jpg>. Acesso em: 23 jan. 2026.
2. Figura 2 - Capa do livro “Happy to be Nappy” (Meu Crespo é de Rainha): PARHAM, Michele James (FieryLaSirena). *Just saved this gem of a book from the goodwill. Bell Hooks...* [fotografia]. Flickr, 2015. Licença: Creative Commons Attribution Non-Commercial-ShareAlike 2.0 (CC BY-NC-SA 2.0). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/79704473@N00/17604979091>. Acesso em: 23 jan. 2026.
3. Figura 3 - bell hooks em palestra (2014): LOZUPONE, Alex (Tduk). *Bell hooks, October 2014* [fotografia]. Wikimedia Commons, 2014. Licença: Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International (CC BY-SA 4.0). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bell_hooks,_October_2014.jpg. Acesso em: 23 jan. 2026.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. bell hooks. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 7, n. 2, 2021, p. 21-33. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/04/bell-hooks-1.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2025.

AMARAL, Elisa Amanda Santos do. *bell hooks e a trilogia do ensino: contribuições para uma educação infantil antirracista*. Dissertação (Programa de Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

BAIONI, Rafael. O ensaio como forma e a narrativa como método: encontros com a teoria crítica e o feminismo negro. *Educação, Escola & Sociedade*, Montes Claros, v. 14, n. 16, p. 1-26, 2021. DOI: 10.46551/ees.v14n16a07. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rees/article/view/4453>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. Edição Digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. *Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 jan. 2026.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 47, p. 19-33, jan-mar, 2013.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?* mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvli Libanio. Edição digital. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Edição digital.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. *Salvação: pessoas negras e o amor*. Tradução de Vinícius da Silva. Edição digital. São Paulo: Elefante, 2024.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MIRANDA, Júlia de. Ouvindo umas verdades com bell hooks: o feminismo é para todos. **Elástica**, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/bell-hooks-feminismo-negro-livro/>. Acesso em: 30 set. 2025.

